TEXTO E IMAGEM EM *O BICHO FOLHARAL*: ENTRE VERSOS E VERSÕES

Ana Maria Henrique de Souza
PPGLE - UFCG
ana.henrique@estudante.ufcg.edu.br

Naelza de Araújo Wanderley
PPGLE - UFCG
naelzanobrega@gmail.com

Introdução

A leitura no contexto escolar, muitas vezes, ainda é compreendida por muitos alunos como sendo um processo chato, enfadonho, repetitivo e, apesar de percebermos, ao longo dos últimos anos, algumas mudanças significativas com relação ao ensino de literatura e leitura literária nos espaços escolares, ainda é possível presenciar ações que pouco contribuem para atrair o aluno e ajudá-lo em sua formação enquanto leitor.

Diante dessa realidade, acreditamos que a abordagem / mediação do texto literário em sala de aula é ainda mais necessária, pois o gênero comporta alguns aspectos que podem permitir que a criança adquira conhecimentos que ultrapassam a objetividade preestabelecida por uma abordagem de característica tradicional. Para tanto, é de fundamental importância que o trabalho com o texto literário em sala de aula tenha como foco um ensino que privilegie a experiência do sujeito. Dessa forma, o nosso principal objetivo com este estudo é discutir sobre versões do conto popular *O Bicho Folharal*, que conta sobre o mundo dos animais, sugerindo uma proposta de mediação desses textos no ambiente escolar a partir da aplicação de estratégias de leitura. A nossa abordagem se apresenta direcionada especialmente para duas versões editadas no suporte livro com ilustrações: uma em cordel, de Arievaldo Viana, e outra em prosa, da escritora Ângela Lago.

Assim sendo, esperamos que esse estudo possa reforçar os debates sobre a relevância da abordagem do texto literário em sala de aula, a partir da criação de possibilidades para que a literatura de origem popular seja compreendida como literatura relevante para instigar nas crianças o gosto pela leitura, bem como a ampliação de novas descobertas e aprendizagens. Esperamos ainda que a literatura popular em verso ou em prosa não seja compreendida apenas como pretexto para o ensino de conteúdo, mas que seja colocada em equivalência a outros gêneros literários também relevantes para a mediação da leitura no espaço escolar.

Com efeito, ao pensarmos possibilidades de abordagens do texto literário direcionadas ao trabalho com o leitor criança no contexto de ensino, é possível entrever, entre outras coisas, uma aproximação entre Literatura Infantil e Literatura de Cordel. Embora, inicialmente, sejam apresentadas ao leitor como gêneros distintos entre si, podem ser aproximados em vários aspectos, como, por exemplo, o encanto e a musicalidade dos versos e a abordagem temática que conta e canta sobre o encanto das fadas, os seres míticos e as histórias de animais que falavam e agiam como seres humanos em um tempo imemorável.

À luz das postulações acrescentadas acima, duas versões do conto popular *O Bicho Folharal*, uma em prosa, de Ângela Lago, e a outra em Cordel, de Arievaldo Viana, foram objetos de nosso estudo. Os dois textos possuem aspectos comuns quanto aos fatos narrados e quanto à apresentação do texto. A história conta sobre um tempo mítico em que os bichos falavam e estes apresentam ações e vontades próprias de seres humanos.

Dessa forma, acreditamos que a partir do trabalho de mediação da literatura popular no espaço escolar, quer seja ela apresentada ao leitor em formação no formato folheto ou no suporte livro com ilustrações, prosa ou poesia, conforme os textos abordados em nosso estudo, é possível orientar um trabalho de leitura que contribua para um processo de desenvolvimento da maturidade leitora, de maneira que a criança tenha, no decorrer desse processo, prazer em fazê-lo.

1 Literatura Infantil e Literatura Popular (conto e cordel): um diálogo possível

Acreditamos que, por meio da literatura, é possível que a criança desenvolva as suas capacidades emotivas de admiração e compreensão acerca de si mesma e do mundo que está a sua volta, enriquecendo suas experiências, uma vez que as narrativas infantis operam também na formação social, moral, intelectual e literária da criança estabelecendo uma ponte entre o mundo real e o imaginário contribuindo, assim, para a sua aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse cenário, no qual está incluída a Literatura Infantil como gênero específico, destacamos também a Literatura de Cordel que, segundo Marinho e Pinheiro (2012, p.19), corresponde ao "[...] sinônimo de poesia popular em verso" e está ligada às narrativas orais tradicionais. Nesse sentido, embora ambas as manifestações artísticas sejam apresentadas ao leitor através de gêneros diferentes em suas especificidades, elas se assemelham quanto ao poder de encantar o leitor ou ouvinte com seus enredos e de favorecer uma compreensão mais ampla do mundo a sua volta.

Podemos destacar também alguns aspectos comuns entre os textos aqui discutidos que podem assumir um papel significativo na conquista do público infantil, como por exemplo, a grande diversidade de temas que compõem os textos que fazem parte do acervo dessa literatura que, segundo Coelho (2000), abarca modalidades bem distintas desde os contos de fadas, contos maravilhosos, fábulas, lendas, histórias do cotidiano, até biografias romanceadas, romances históricos, literatura documental ou informativa.

Assim, cabe destacar que o aspecto temático pode ser apontado também como um ponto de aproximação entre a Literatura de Cordel, enquanto manifestação poética da literatura popular, e a literatura infantil. Ricardo Azevedo (1999, p. 08), no artigo *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares,* ao discorrer sobre os vínculos entre as narrativas populares e a literatura destinada às crianças, pontua a concisão e a linguagem, no plano da expressão, e, no plano do conteúdo, os seguintes pontos de contato:

> 1. A recorrência do elemento cômico. O riso, o deboche, a alegria e o escárnio [...];
> 2. O uso singularmente livre da fantasia e da ficção, muitas vezes como forma de verificação ou experimentação da verdade;

> 3. Personagens movidos muito mais por seus próprios interesses, pelo livre arbítrio, pela aproximação afetiva, pelo senso comum, pelos sentidos, pela empatia, pela visão subjetiva, pela busca da felicidade (a moral ingênua referida por André Jolles) do que por uma ética geral, pré-estabelecida, racional, abstrata, uniforme, objetiva, imparcial e impessoal, que pretende determinar, a priori, o certo e o errado [...];
> 4. Certos temas e enredos tradicionais remanescentes, ao que tudo indica, de imemoriais narrativas de iniciação, e que poderiam, mesmo que precariamente, ser rotulados como "a busca do autoconhecimento ou da identidade" (grifo do autor) [...];
> 5. O uso livre de personificações e antropoformizações;
> 6. A possibilidade da metamorfose;
> 7. As poções, adivinhas, instrumentos e palavras mágicas;
> 8. Histórias apresentando um caráter iniciático, nas quais o herói parte, enfrenta desafios [...];
> 9. Imagens recorrentes como voos mágicos, monstros, oxímoros etc;
> 10. O final feliz. Este recurso, presente em inúmeras narrativas populares, é considerado por muitos um índice de alienação. (AZEVEDO, 1999, p. 08)

Dessa forma, é possível perceber nas versões do conto popular *O Bicho Folharal* a presença de muitos dos pontos indicados por Ricardo Azevedo (1999) como componentes textuais que aproximam o conto popular e a literatura infantil, quer esteja a narrativa apresentada ao leitor em prosa ou em poesia. Assim, as histórias que têm em sua origem o referido conto popular trazem para seu enredo o elemento cômico, a fantasia de um tempo em que os bichos falavam e tinham ações e interesses próprios e o final feliz para o "herói" da história, tudo isso levado ao leitor / ouvinte em um discurso conciso e numa linguagem familiar.

É como parte dessa produção que destacamos, em nosso estudo, narrativas que recontam essa história popular, quer em folhetos, quer em livros, evidenciando essa aproximação entre a Literatura de Cordel e a Literatura Infantil. A primeira, em versos de cordel em livro escrito por Arievaldo Viana e ilustrado por Jô Oliveira, uma forma de poesia popular que, assim como a maioria dos contos que hoje fazem parte das coletâneas destinadas à leitura do público infantil, em sua origem, também não foi escrita pensando nesse público, mas ainda assim abraça aspectos como a ludicidade e a temática comuns aos textos voltados para esses leitores; e a segunda, um reconto em prosa, escrito e ilustrado por Ângela Lago, que está inserido entre as obras que compõem o imenso acervo da literatura infantil brasileira. Assim, acreditamos que, se ambas são destinadas ao mesmo público leitor, elas são parte de uma literatura que foi caracterizada por Coelho (2000, p. 27) "antes de tudo", como "arte", "[...] fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra".

Então, ao pensarmos essas literaturas, antes de tudo, como arte, entendemos que ambas podem ser apesentadas aos olhos atentos do leitor, como expressão dos sonhos e da vida prática, do imaginário e do real, dos ideais e de sua possível/impossível realização, conforme apregoa a referida autora, quando nos fala sobre a natureza da Literatura Infantil. Isto posto, reafirmamos a relevância da mediação do texto literário em sala de aula como algo indispensável à formação da maturidade do leitor em formação.

2 Dos contos populares ao cordel

O conto *O Bicho Folharal*, assim como as demais narrativas populares, foi transmitido entre gerações de forma oral e, com o tempo, através dos recontos, também recebeu o registro escrito e foi adaptado pela literatura brasileira em variados gêneros e para leitores igualmente diversos, em épocas distintas. E foi seguindo esse caminho que os contos populares correram "de boca em boca, de geração em geração, sempre velhos e sempre novos" (LEAL, 1985, p. 12), através da arte de narrar/recontar, em prosa ou versos de cordel, os enredos do povo e para o povo.

Em terras brasileiras, esse conto tem como um de seus temas mais atrativos a ideia da esperteza, da inteligência usada como arma contra a opressão dos mais fortes sobre os mais fracos. Uma metáfora social presente nas muitas versões dessa história que tem como personagens, na maior parte das versões, a onça, representando os mais fortes e os opressores, e, ora a raposa, ora o macaco, como representantes dos mais fracos e vítimas da opressão. As ações ardilosas desses personagens ao longo das narrativas / variantes do conto são aplaudidas pelos leitores / ouvintes que, de certa forma, se sentem representados / vingados pelas ações desses personagens diante da opressão. Sobre o aspecto de identificação do público, proporcionado por essas histórias / contos do povo, Jolles (1976, p. 198. grifo do autor) vai afirmar que

> As personagens e as aventuras do Conto não nos propiciam, pois, a impressão de serem verdadeiramente morais; mas é inegável que nos proporcionam certa satisfação. Por quê? Porque satisfazem, ao mesmo tempo, o nosso pendor para o maravilhoso e o nosso amor ao natural e ao verdadeiro, mas, sobretudo, porque as coisas se passam nessas histórias como gostaríamos que acontecessem no universo, como *deveriam* acontecer. (JOLLES, 1976, p. 198. grifo do autor)

O número de versões desse conto, registradas ao longo dos séculos entre nós, sugere não somente o encantamento do público diante desse enredo tantas vezes recontado, mas também a recepção deste por diferentes tipos de leitores e em diferentes épocas. Entre as muitas versões desse conto, registradas em prosa, podemos apontar apenas algumas delas. Inicialmente, as "lendas" sobre "A raposa e a onça", recolhidas por Couto de Magalhães, no livro *O selvagem* (1876); as duas versões presentes no *Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero, publicado já no final do século XIX, entre os contos classificados pelo autor como "de origem indígena", o de número 63 "Amiga folhagem" (folharada) e o de número 64 "A raposa e a onça" (bicho folha-seca) e a versão do livro *Contos tradicionais do Brasil* (meados século XX), de Câmara Cascudo, entre os contos classificados pelo autor como "contos de animais", que tem como título "O bicho folharal".

Mais recentemente, podemos ainda citar as seguintes versões em prosa: Monteiro Lobato, em *Histórias de Tia Nastácia*, quando são contadas as astúcias do "Bicho-folhagem" em "O macaco e o aluá"; Henriqueta Lisboa, em seu livro *Literatura oral para a infância e a juventude*: lendas, contos & fábulas populares no Brasil, registra entre as fábulas a história de "O bicho da folharada"; Ana Maria Machado, em seu livro *Histórias à brasileira*, vol. 1, reconta a história do "Bicho folhagem" – "(*Bicho Folhagem Folharada de folhara...l*"); Ângela Lago, reconta para crianças *O*

bicho folharal e Ricardo Azevedo, em seu livro *Contos de bichos do mato*, também num misto de prosa e poesia, reconta a história "De como o macaco enganou a onça".

Certamente essa lista de versões é bem maior, entretanto, gostaríamos de lembrar que também encontraremos entre os autores que recontaram essa história aqueles que o fizeram em forma de narrativa poética, a exemplo de alguns poetas populares como Franklin Machado, no folheto de cordel, *Saci e o bicho folharaz no reino da bicharada* e, no suporte livro, *O bicho folharal*, de Antonio Juraci Siqueira, e Arievaldo Viana, com *O bicho folharal*: cordel ilustrado.

2.1 *O Bicho Folharal:* recontos em prosa e verso

Entre as versões apresentadas anteriormente, escolhemos para a produção deste trabalho, como já dito anteriormente, duas adaptações: a primeira, da escritora Ângela Lago – *O Bicho Folharal*, é apresentada ao leitor em forma de prosa, embora, muitas vezes, seja perceptível um certo tom poético. A obra foi publicada pela editora Rocco em 2005, no suporte livro. A autora / ilustradora foi responsável pelo texto escrito e pelo projeto gráfico do livro e este texto faz parte da Coleção Virando Onça.

O texto versa sobre o Macaco, a Onça, uma seca que predominava na região e uma fonte onde os animais bebiam. A onça, caracterizada pela autora como "Invocadinha", decide, por motivo desconhecido, impedir que o Macaco bebesse de sua fonte. A história também conta que o Macaco "não era bobo nem nada, logo arrumou um jeitinho de ludibriar a onça". A artimanha / astúcia do Macaco deu certo de início, porém sua pressa em tomar a água e sair de "fininho" acaba com o seu disfarce, levando todos a descobrir quem estava por trás do *Bicho Folharal.* Após a descoberta todos os animais caíram na gargalhada, já à comadre Onça, restou o vexame diante de todos por ter sido enganada.

O segundo texto escolhido para o estudo foi *O Bicho Folharal*, escrito em cordel pelo poeta Arievaldo Viana, com ilustrações de Jô Oliveira. Essa obra foi publicada pela editora IMEPH em 2008. Este, assim como o primeiro, encontra-se em suporte livro com ilustrações. Ele foi escrito em sextilhas[2], (estrofes com seis versos) e o seu sistema rítmico é o XAXAXA, rimando os versos pares e deixando órfãos os versos ímpares, conforme podemos perceber nas estrofes abaixo retiradas da obra de Viana (2008, p. 4):

Quando eu era pequenino	X	Os meninos do sertão	X
Nos alpendres do sertão	A	Bebiam a nossa cultura;	A
Que ouvia: "— Era uma	X	Os mais velhos	X
vez..."	A	transmitiam,	A
Ficava de prontidão;	X	Em prosa franca e segura	X
Já sabia que as estórias	A	As estórias de Trancoso	A
Jorravam em profusão.		Em oralidade pura.	

(VIANA, 2008, p. 4)

[2] A sextilha é a modalidade de estrofes em que a rima corresponde aos versos pares da estrofe. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 26) "é o tipo de estrofe predominante na literatura de cordel".

Nesta versão em cordel, encontramos a narrativa poética da desavença existente entre o Macaco e a Onça, pois o macaco consegue enganar a onça mais de uma vez, primeiro quando retira leite dela, e depois descobrindo o plano da Onça de tenta armar vingança contra ele. Neste enredo, o Macaco é caracterizado por Arievaldo Viana como um bicho "Sabido" que, diante das situações da vida, sabe "se virar".

Prova disso é que, posteriormente, quando as fontes secaram e apenas a da comadre Onça permanecia, o Macaco traçou outro plano para se dar bem. "Então o Macaco disse:/ — Vou inventar uma "quengada"/ Achou um favo de mel/ Em uma árvore copada, / lambuzou o corpo inteiro/ Preparando uma cilada". (VIANA, 2008, p. 22). Em seguida, deitou-se em folhas secas se tornando *O Bicho Folharal.* A Onça admirada logo lhe deu passagem, mas o macaco "sedento" esqueceu de seu disfarce, pois, além de beber a água, achou de tomar um banho, o que não deu bom resultado, pois as folhas começaram a cair acabando com seu disfarce. Ao perceber de quem se tratava, a Onça "Levantou-se de onde estava/ E deu um pulo certeiro/ Mas o Macaco sabido/ Era tão destro e ligeiro/ sumiu-se rapidamente/ Na soca do marmeleiro". (VIANA, 2008, p. 26). Por sorte, choveu e o Macaco não precisou voltar lá.

Em ambas as histórias se destacam aspectos que revelam o humor presente no enredo. Esse aspecto pode ser observado nas astúcias do macaco que consegue escapar das armadilhas da onça e, de certa forma, ainda ridiculariza a sua força e o seu poder diante de todos. A astúcia do macaco, tratada no cordel como "quengada", era a única arma de que dispunha para enfrentar o poder da onça. O mais fraco vencendo o mais forte através da esperteza.

Contudo, há nos textos algumas diferenças no contar do enredo. Na versão da Ângela-Lago, a autora já inicia a história anunciando ao leitor que a onça tem certa desavença com o macaco, porém deixa claro que desconhece o motivo por trás dessa implicância. "Ninguém sabe bem por quê, a onça cismou com o macaco. E na época da seca, resolveu que ele não podia beber na sua fonte". (LAGO, 2005, p. 5).

Já na outra versão de *O Bicho Folharal*, contada por Arievaldo Viana, o autor não somente traça o caminho para que o leitor compreenda o motivo da 'vingança da onça, mas também esclarece sobre a sabedoria do macaco que foi testada e atestada pelo próprio Deus que afirma não poder acrescentar mais nada aos dotes do macaco. Essa passagem da narrativa poética fala ao leitor não somente da inquestionável astúcia do bicho, mas também evoca a temática da religiosidade tão comum ao nordestino e à Literatura de Cordel. Um outro tema comum a essa literatura presente na narrativa é a seca "que torrava todo sertão". Aqui, não somente o cenário, mas também a linguagem funciona como ponto de aproximação entre texto e leitor.

A evocação à memória e à arte de contar, comuns ao conto popular e à poesia de cordel, também são parte do enredo, pois o narrador deixa claro que seu contato com a história aconteceu ainda em sua infância, a partir do contador de histórias, e faz o reconto a partir de sua memória, como podemos observar nas primeiras estrofes do cordel destacadas abaixo:

Quando eu era pequenino
nos alpendres do sertão
Que ouvia: "— Era uma vez..."
Ficava de prontidão;

Mas de toda diversão
Do meu tempo de criança
O contador de estórias
jamais me sai da lembrança

Já sabia que as estórias
Jorravam em profusão.

Os meninos do sertão
Bebiam a nossa cultura;
Os mais velhos transmitiam,
Em prosa franca e segura
As estórias de Trancoso
Em oralidade pura.

[...]

Essa figura encantada
Renova a minha esperança.

Portanto, usando a memória,
vou fazer um recital,
Dizer em versos singelos
Um conto fenomenal:
Como foi que o Macaco
virou "Bicho Folharal".

(VIANA, 2008, p. 5, 6)

Nessa passagem há um verdadeiro convite, uma convocação ao leitor para que também se encante com um "conto fenomenal" que fala de como um macaco "Virou *Bicho Folharal*". Aqui o narrador traz para a sua história a temática dos animais como mais dos elementos de atração para o seu público leitor como forma de despertar neste a curiosidade diante de um animal desconhecido: um bicho que tem o seu corpo coberto por folhas, e não de pelos.

O poeta de cordel a partir de sua memória / lembrança quer assumir também na memória de seus leitores a "figura encantada" do "contador de estórias" e em "versos singelos" recontar "Um conto fenomenal". De acordo com Patrini (2005, p. 106),

> Contar é uma atividade mnemônica. A reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos mais importantes de geração a geração. Em sua arte, o contador de histórias realiza de uma forma particular a tarefa de convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade. (PATRINI, 2005, p. 106)

Assim, é possível perceber que, embora tenham como ponto de partida num mesmo enredo / conto popular, as histórias são contadas de maneiras diferentes e essas modificações acontecem naturalmente, pois, o conto, por fazer parte da cultura oral, corre o risco de sofrer algumas mudanças / atualizações a cada reconto. Quem nunca ouviu o bordão "quem conta um conto, aumenta um ponto"? Pois isso acontece naturalmente quando a história é passada de geração em geração, uma vez que as pessoas carregam consigo contextos, experiências, costumes, crenças e hábitos distintos. Sobre esse aspecto, ao falar sobre o cordel, Ayala (2016, p. 14) acrescenta que "O sistema literário reconhecido como Literatura de Folhetos ou Literatura de Cordel, desde os seus momentos de formação, conserva muitos traços das práticas culturais tradicionais, em termos de experiências vivenciadas repassadas a ouvintes".

Assim, seguindo essa tradição, às vezes, nas histórias, são acrescentados fatos e, em outras, estes são retirados. Pode acontecer também que os personagens sejam substituídos por outros com características semelhantes, como é o caso das versões apresentadas anteriormente, porém, a essência da história permanece. Na obra *O Bicho Folharal*, escrita por Ângela Lago, por exemplo, há uma nota assinada pela própria autora em que deixa evidente a origem do conto. Ela faz o seguinte comentário: "O Bicho Folharal é o Çoo-cáaxirica para os tupis, o Amigo Folhagem em Sergipe, o Bicho Folha-Seca no Rio. Às vezes é uma raposa disfarçada, outras um coelho ou um jabuti.".

Esse depoimento reafirma que, conforme a região, a história sofre interferências, pois pode ocorrer quando há experiências partilhadas entre públicos diversos, daí justificam-se as diversas versões do mesmo conto

2.2 Relação entre texto e imagem em duas versões de *O Bicho Folharal*

As duas versões de *O Bicho Folharal* aqui destacadas são obras com ilustrações, pois as imagens acompanham o texto. Segundo a autora Sophie Van der Linden, na obra *Para ler o livro ilustrado*, no caso do livro com ilustração, o texto assume predominância diante das ilustrações, sendo autônomo com relação ao sentido, ou seja, um livro com ilustrações se difere do livro ilustrado, pois constitui-se de "um texto principal e relativamente poucas ilustrações em páginas isoladas" (LINDEN, 2018, p. 12), além de que o texto é o responsável por revelar o enredo ao leitor.

Observemos, inicialmente, como as capas dos livros são apresentadas adiante (Figuras 1 e 2), como signos relevantes para a estrutura visual dos textos apresentados, uma vez que os autores / ilustradores também tiveram a preocupação de transformar esse paratexto como parte integrante da sua história. De acordo com Linden (2018, p. 56), as ilustrações na capa de uma publicação não são frutos do acaso, mas trazem informações importantes sobre o enredo, assim, essa parte dos livros "constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura. Ela transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero".

Assim, destacamos nas capas a seguir, diferentes estilos, embora cada uma delas apresente ao leitor personagens e cenários. A primeira capa das obras já oferece ao leitor elementos para que este inicie sua leitura a partir das ilustrações presentes nessa parte do texto. De forma atrativa, o ilustrador Jô Oliveira utiliza-se das cores e das expressões dos personagens para despertar no leitor a curiosidade necessária para abrir o livro. A imagem da onça enfurecida e a expressão do macaco já sugerem ao leitor possibilidades de leitura. Na capa do segundo texto, em meio a cores fortes e chamativas, consta apenas a figura do macaco. A imagem, ao mesmo tempo em que sugere ser ele o principal personagem da história a ser contada, também pode despertar no leitor a curiosidade acerca do fato de que o título anuncia sobre um "*bicho folharal*", mas a imagem é de um macaco, por quê?

Figura 1− Capa do livro de Viana



Fonte: Viana (2008)

Figura 2− Capa do livro de Ângela Lago



Fonte: Lago (2005)

Assim, compreendemos que as imagens apresentadas a partir das capas dos livros referenciam personagens do conto popular, animais vestidos como seres humanos em atitudes antropormofizadas que fazem parte do imaginário e da tradição de contar e ouvir histórias, como uma prática comum em cada comunidade. Essas imagens também podem ser vistas como mais um convite, mais uma porta que se abre diante da curiosidade do leitor / ouvinte que se encanta com as histórias pertencentes a um tempo imemorável, um "tempo em que os bichos falavam".

E é a partir dessa junção entre texto e imagem que pensamos a mediação do texto literário, especialmente aquele que tem como ponto de partida o conto e a poesia popular e que encanta o público infantil já a partir de sua temática, como prática de importância fundamental no ambiente escolar para a formação do leitor em desenvolvimento.

3 *O Bicho Folharal* em sala de aula

A disponibilidade de textos acessíveis à criança é um dos pressupostos essenciais para a formação da concepção da leitura como atividade prazerosa e de construção do leitor autônomo. Conforme Coelho (2000, p. 10), a literatura se caracteriza como sendo uma manifestação artística em que "as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que se alcance sua formação integral, sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica".

Nesse sentido, acreditamos que a Literatura de Cordel pode contribuir para a sensibilização e a formação crítica da criança enquanto leitor em formação. A mediação desse gênero em sala de aula, pautado em estratégias de abordagem adequadas ao trabalho com as narrativas populares, em verso ou em prosa, é fundamental para o desenvolvimento da criança no que se refere ao desenvolvimento do interesse e do gosto pela leitura literária, seja como leitor, seja como ouvinte.

Nessa perspectiva, o espaço escolar se constitui como lugar de extrema importância, pois, para a maioria das crianças de classes desfavorecidas, é o único lugar onde ela tem maior acesso aos livros e obras infantis. Desse modo, sendo a vivência da leitura em sala de aula importante para despertá-la para a prática dessa atividade, para o manuseio ou folhear do livro, para a leitura e o reconhecimento de imagens, a descoberta da arte impressa é também uma das motivações para o desenvolvimento da formação do leitor autônomo em seus primórdios.

De fato, a escola é um ambiente propício para a realização da leitura por prazer, por curiosidade, e a Literatura de Cordel, com sua musicalidade e variedade temática tem muito a contribuir nessa formação leitora dos pequenos estudantes, uma vez que, de acordo com Lima (2011, p. 14), "[...] a poesia infantil torna-se um elemento indispensável à formação de leitores, desde os primeiros anos escolares, unindo o trabalho com a linguagem ao prazer da leitura", e isso pode ser verificado ao levar os versos os versos rimados do cordel para a sala de aula, onde as crianças se encantam e se envolvem na leitura.

Nesse sentido, Zilberman (2003, p. 16) afirma que

> [...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito

> menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim. (ZILBERMAN, 2003, p. 16)

Assim, acreditamos que a convivência com a literatura, em especial, a Literatura de Cordel, no ambiente escolar, amplia o letramento literário da criança, permitindo que ela se aproprie da leitura sem frustrações nem fracassos, pois adentra o universo das histórias. Entendemos, também, que, para o trabalho com o cordel em sala de aula, tanto as atividades de leitura espontâneas, livres, quanto as ações de leituras dirigidas constituem um espaço de ampliação do letramento literário das crianças, uma vez que nessas situações elas se apropriam de diversas práticas sociais de leitura e de escrita.

Nessa perspectiva, entendemos que o planejamento das atividades envolvendo a mediação em sala de aula da literatura de origem popular, através do conto e do cordel pode contribuir para a formação da autonomia do leitor iniciante. Assim, as adaptações em cordel no formato de livros com ilustrações, como "*O Bicho Folharal*", de Arievaldo Viana, e *O Bicho Folharal*, de Ângela Lago, podem se constituir um bom atrativo para as crianças, pois elas terão, além do contato com as narrativas, o contato com o texto visual, com as imagens e suas cores, de forma que estas possam contribuir com a compreensão do texto literário no processo de mediação.

Nesse processo, consideramos relevantes o desenvolvimento e a aplicação de metodologias que estejam voltadas para uma perspectiva mais dialógica no trabalho com esses textos em sala de aula, de forma que tenham como ponto de partida as particularidades e as subjetividades das crianças, valorizando suas vivências.

Nesse sentido, Girotto e Souza (2010), ao apresentarem algumas estratégias de leitura que podem favorecer a compreensão da criança sobre o que está sendo lido, afirmam que estas podem ser trabalhadas em sala de aula, sendo relevantes recursos pedagógicos, pois elas possibilitam ao educador fazer a mediação entre a obra e os leitores de forma sistematizada e proveitosa para todos os participantes das atividades. As referidas autoras apontam os conhecimentos prévios como sendo a base para qualquer estratégia, uma vez que o leitor consegue entender o novo, partindo do que ele já conhece e destacam cinco estratégias fundamentais para ajudar a criança neste processo:

A primeira a ser destacada são as **conexões,** que ocorrem quando o leitor usa o conhecimento que já existe, ou seja, a sua experiência adquirida em sua convivência social, para auxiliar na compreensão do texto, estabelecendo uma conexão entre texto-leitor, texto-mundo e texto-texto. Assim, ao trabalhar com narrativas populares que estão centradas na temática dos bichos, o professor pode explorar os conhecimentos que os alunos tenham acerca dos animais mencionados como personagens da história.

A segunda é a **inferência,** outra estratégia destacada pelas pesquisadoras que corresponde ao exercício que o leitor precisa fazer no momento da leitura, em que ele precisa observar as dicas dadas pelo próprio texto para então compreender o que está sendo apresentado. Para tanto, o professor pode instigar os alunos a inferirem o sentido de alguma palavra ou expressão desconhecida a partir do contexto das narrativas em estudo.

A **visualização** é a terceira estratégia e diz respeito ao momento em que a criança consegue elaborar significados para o texto, usando as imagens mentais de forma que estas tragam satisfação a sua leitura. Essa estratégia privilegia a imaginação

criativa dos alunos na hora da leitura e, sendo explorada no decorrer das atividades com os textos, pode se tornar um recurso de extensão das interpretações que as histórias podem evocar.

A quarta é a **sumarização**, ou seja, o momento em que a criança identifica nos textos os pontos principais, isto é, reconhecer em cada texto o que é relevante para a compreensão e descartar alguns pontos. Durante a leitura das narrativas, as crianças podem identificar elementos como personagens e eventos principais das histórias numa sequência temporal de acontecimentos, para sumarizar a leitura.

E a quinta e última estratégia é a **síntese**, esta, segundo as próprias autoras afirmam, realizar uma síntese não é apenas fazer um resumo, mas é permitir que a criança atribua ao texto sentidos partindo de informações que recebemos no nosso dia a dia. Ao fazê-lo, a criança recorre também a outras estratégias que ajudam a dar sentido e a melhorar a compreensão do texto.

Dessa forma, se pensarmos a formação do leitor fruidor que, segundo Coracini (2005), é aquele que consegue adentrar ao texto estabelecendo relações entre texto-leitor, ao mesmo tempo em que compreende o que tem sido colocado no escrito, percebemos que alguns critérios são fundamentais ao se considerar o momento do planejamento das atividades. Assim, a motivação para a realização da mediação da narrativa popular em sala de aula, em verso ou em prosa, deve considerar, principalmente, aspectos como temática, contexto e texto literário como fonte de prazer e diversão para o leitor em formação, de forma que lhe permita também construir, a partir da atividade de leitura, bases argumentativas e críticas sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a sociedade.

A preocupação com a formação de leitores na infância tem fortalecido as práticas educativas para que se constituam em ações intencionais na formação emancipatória e não mecanizada, uma vez que o ambiente escolar contribui significativamente para a formação de um sujeito crítico e consciente. Conforme Coelho (2000, p. 15), "[...] a verdadeira evolução de um povo se fez ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância".

Ao pensarmos dessa forma, entendemos então que a inserção da literatura na vida da criança precisa acontecer o quanto antes, se possível, no ambiente familiar, pois a convivência, a apreciação cotidiana com os diversos tipos de textos literários é basilar para a formação da maturidade leitora. Para Coelho (2000), a arte infantil tem a finalidade de servir como agente durante o processo de formação, seja na convivência espontânea do leitor com o livro, seja por meio do diálogo do leitor com o texto estimulado pela escola.

Desse modo, o contato com as narrativas populares, desde cedo, pode proporcionar maior possibilidade de a criança descobrir a leitura como atividade prazerosa ao mesmo tempo em que constrói maior autonomia na escolha dos textos, como também a compreender não como uma obrigação, mas como uma necessidade ao mesmo tempo em que desenvolve suas capacidades, ajudando a se tornarem, no futuro, um adulto leitor.

Com efeito, pesquisas sobre a relevância da literatura e a criança comprovam que as que mantêm o contato com essa produção artística ainda na infância apresentam uma postura diferenciada das demais, tanto em seu vocabulário, quanto em suas ações do cotidiano ao se posicionar diante de situações corriqueiras, por exemplo, ou ao argumentar e discutir sobre algum assunto, se posicionando contra ou a favor em sala de aula. Conforme destaca Coelho (2000, p. 18), "[...] a escola é o espaço privilegiado, em

que devem ser colocados os alicerces do processo de autorrealizaçã vital/cultural que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice".

Há uma discussão de polarização entre literatura e pedagogia, porém é preferível o ideário de fundição entre ambas, pois as duas têm um caráter formativo como defende Zilberman (2003, p. 24), "[...] enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal". Para Coelho (2000), a literatura contemporânea tem como intuito estimular a criatividade, a descoberta ou a conquista dos novos valores em geração. Assim, as narrativas de origem popular, quer em versos quer em prosa, quando levadas para a sala de aula e mediadas a partir de estratégias que valorizem sua temática, sua linguagem, seu humor, sua musicalidade, entre outros aspectos comuns a essa produção, pode sim aumentar o repertório de leitura do leitor em formação.

Portanto, a relação entre a arte literária para crianças e o ensino infantil é animador se desprovido de propósitos de dominação do sujeito aprendente, proporcionando a este a liberdade para realizar suas escolhas, disponibilizando para esse público leitor boa variação de textos, dentre eles, a literatura popular em diferentes suportes e gêneros, para que eles possam manusear e folhear.

Considerações Finais

Propor um trabalho em sala de aula em que se aborde a literatura popular não é uma atividade simples. Primeiro, porque requer do professor intimidade com os gêneros que fazem parte desse universo, de forma que este recorra a abordagens que se diferenciem daquelas tradicionalmente desenvolvidas e que têm como propósito o uso dessa literatura de forma mecânica e didatizante. Em segundo lugar, porque exige do docente a consciência de que esse gênero, assim como os demais já consolidados em sala de aula, podem trazer ricas experiências para os alunos, visto sua relevância cultural próxima a nossa realidade e de fácil acesso, bem como sua perspectiva interdisciplinar.

Neste sentido, a busca por estratégias adequadas ao processo de mediação dessa literatura no ambiente escolar é fundamental para que o docente tenha subsídio para auxiliar o seu aluno no contato crítico com esses textos, pois ao elaborar atividades com a poesia ou com o conto popular, é importante garantir às crianças a liberdade de dialogar com os gêneros permitindo também que estes estabeleçam um contato com o texto a partir de seus próprios conhecimentos. As estratégias aqui apresentadas têm como intenção permitir que os alunos construam seus próprios significados sobre as histórias contadas e recontadas a partir dos textos verbais e das ilustrações, uma vez que as narrativas concentram em si uma atividade de leitura dupla, mas que sugere uma única finalidade, a apropriação do texto.

Desse modo, é fundamental trazer para a sala de aula ações que envolvam os alunos e proporcionem a eles o desenvolvimento das capacidades de se expressar partindo de suas percepções enquanto leitor em construção e, assim, contribuir para a formação de um leitor mais autônomo, que valorize sua cultura e vivencie a partir dela leituras diversas.

Referências

AYALA, Maria Ignez Novais. Do manuscrito ao folheto de cordel: uma literatura escrita para ser oralizada. **Revista Leia Escola**, v. 16, n. 2, 2016. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/710. Acesso em: 15/03/23.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. *In*: **Presença Pedagógica** – Belo Horizonte – Editora Dimensão – Nº 27 – mai. /jun. 1999 e em **Cadernos do Aplicação**. Volume 14 Número ½. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jan. /fev. 2001. Disponível em: https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática**.** São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade. *In*:

CARVALHO, Regina Célia de.; LIMA, Paschoal. (Orgs.). **Leitura:** Múltiplos Olhares. São Paulo: Ed. Mercado de Letras, 2005.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégias de leitura:** para ensinar alunos a compreender o que leem. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de. *et al.* Campinas/SP: Ed. Mercado de Letras, 2010, p. 45- 109.

JOLLES, André. **Formas simples**: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

LAGO, Ângela. **O bicho folharal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LIMA, Josefina Ferreira Gomes. Literatura de cordel: dos folhetos tradicionais aos modernos livros de capa dura. *In*: LIMA, Stélio Torquato. *et al.* (Orgs.). **No desfolhar dos folhetos:** escritos sobre cordel. UNIFAP, Macapá, 2021. Disponível em: https://www2.unifap.br/editora/files/2021/02/no-desfolhar-dos-folhetos.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI – SP, 2011.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto:** emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

VIANA, Arievaldo; OLIVEIRA, Jô. **O Bicho Folharal**. Fortaleza: Ed. IMEPH, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Ed. Global, 2003.